

**O PAPEL DA ESCOLA NO CONTROLO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO:
PERCEÇÕES DOS AGENTES EDUCATIVOS**

**THE ROLE OF SCHOOL IN CONTROLLING DATING VIOLENCE:
PERCEPTIONS OF EDUCATORS**

Sónia Caridade¹

Rita Pereira²

Cristina Soeiro³

Resumo

A escola constitui o local onde os jovens permanecem a maior parte do tempo e estabelecem as primeiras interações e experiências amorosas. Os agentes educativos possuem um papel importante na identificação e sinalização das manifestações de violência no namoro. O presente estudo qualitativo teve como objetivo analisar a perceção de 11 profissionais integrados no sistema de ensino sobre a violência no namoro. Ainda que os entrevistados tenham revelado algum conhecimento e consciencialização para as principais especificidades e dinâmicas abusivas inerentes à violência no namoro (e.g., conceptualização do fenómeno e suas tipologias abusivas, efeitos e impacto deste tipo de abuso íntimo em rapazes e raparigas, origens e

¹ Autora de correspondência. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Observatório Permanente Violência e Crime, Centro de Investigação em Ciências Sociais e do Comportamento, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Praça 9 de Abril, 349. 4249-004 Porto, Portugal. soniac@ufp.edu.pt.

² Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. 35515@ufp.edu.pt.

³ Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Costa da Caparica, Lisboa. c.soeiro@netcabo.pt.

motivações do abuso, dificuldades inerentes ao pedido de ajuda), foram detetados nos seus relatos outros indicadores (e.g., legitimação da violência em certas circunstâncias, minimização da violência psicológica) que denunciam a necessidade de providenciar esforços complementares para fazer face aos riscos inerentes ao uso da violência no namoro. As implicações práticas e empíricas futuras deste estudo são também objeto de discussão neste trabalho.

Palavras-chave: Agentes educativos, violência no namoro, escola.

Abstract

The school is where young people spend most of their time and establish their first interactions and experiences. Educational professionals play an important role in the identification and signaling the different manifestations of dating violence. The present qualitative study aimed to analyze the perception about dating violence of 11 professionals integrated in the school system. Although interviewees have revealed some knowledge and awareness of the main specificities and abusive dynamics to dating violence (e.g., conceptualization of the phenomenon and its abusive typologies, effects and impact of dating violence on boys and girls; difficulties inherent in the request for help), other indicators (e.g., legitimization of violence in certain circumstances, minimization of psychological violence) were identified in their reports that identify the need to provide complementary efforts to address the risks to practice dating violence. The future practical and empirical implications of this study are also the subject of discussion in this paper.

Keywords: Educational professionals, dating violence, school.

1. Introdução

A violência no namoro constitui um grave e complexo problema comportamental e de saúde que atinge adolescentes e jovens adultos, introduzindo alterações significativas na sua vida e afetando todo o seu percurso desenvolvimental (Caridade, 2018a). Este

tipo de abuso íntimo tem sido positivamente associado à emergência de múltiplos problemas em termos comportamentais (e.g., consumo de substâncias, envolvimento em comportamentos antissociais e comportamentos sexuais de risco ou outras formas de violência interpessoal), emocionais (e.g., problemas de ansiedade, depressão, ideação suicida) e de saúde mental (e.g., perturbação de stress pós-traumático) (e.g., Cartner-Snell, 2015; Exner-Cortens, Eckenrode & Rothman, 2013).

Internacionalmente, a violência no namoro tem sido amplamente investigada procurando-se a caracterização do fenómeno em termos da sua frequência e extensão (e.g., Straus, 2004; Jennings *et al.*, 2017), os potenciais efeitos e consequências nas vítimas (e.g., Exner-Cortens *et al.*, 2013), os diferentes fatores de risco associados à vitimação e perpetração deste tipo de abuso (e.g., Capaldi, Knoble, Shortt & Kim, 2012; Garthe, Sullivan & McDaniel, 2016; O’Keefe, 2005), as barreiras inerentes ao pedido de ajuda (e.g., Moore, Sargent, Ferranti & Gonzalez-Guarda, 2015; Shen, 2011) ou, ainda, o desenvolvimento e implementação de diferentes programas de prevenção (e.g., Black, Hawley, Hoefer & Barnett, 2017) e a análise da sua eficácia (Koker, Mathews, Zuch, Bastien & Mason-Jones, 2014). Assim, e no que respeita à prevalência deste fenómeno, cita-se um dos maiores estudos interculturais desenvolvidos neste âmbito por Straus (2004), o qual envolveu uma amostra de 8666 indivíduos de 31 universidades de 16 países, com idades entre os 18 e os 40 anos, procurando caracterizar a prevalência da violência física e da violência física severa nas relações de namoro nos últimos doze meses. Este estudo apurou que 29% da amostra admitiram já ter praticado agressões físicas sobre os parceiros, e aproximadamente 9,4% reconheceram ter sofrido violência física severa. Por sua vez, uma revisão sistemática (Jennings *et al.*, 2017) que envolveu 169 estudos conduzidos com jovens entre os 15 e os 30 anos, encontrou estimativas de prevalência mais baixas entre os mais jovens (<10%) comparativamente com os mais velhos (entre 20% e 30%), sendo que as mulheres relataram elevados indicadores de vitimação.

Em Portugal, e ainda que com início mais tardio ao verificado no contexto internacional, o reconhecimento desta forma de violência interpessoal está igualmente retratado em diversas investigações que têm sido levadas a cabo nos últimos vinte anos

(e.g., Lucas, 2002; Faias, Caridade & Cardoso, 2016; Machado, Caridade & Martins, 2010; Paiva & Figueiredo, 2004; Neves, Cameira, Machado, Duarte & Machado, 2016; Santos & Caridade, 2017), as quais têm permitido constatar que a violência nas relações íntimas, especialmente entre os mais jovens, constitui uma realidade que atinge números preocupantes e alarmantes. Deste modo, um dos maiores estudos produzidos no contexto português (Machado, Caridade & Martins, 2010), que envolveu uma amostra de 4667 jovens com idades entre os 13 e os 19 anos, concluiu que 25,4% dos inquiridos tinham sido expostos a pelo menos um ato de violência no namoro, 19,5% admitiram ter sofrido violência psicológica e 13,4% violência física. Um outro estudo, desenvolvido pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) e que contemplou uma amostra de 2500 jovens com idades entre os 12 e os 18 anos, apurou indicadores de violência ligeiramente inferiores, em que 8,5% dos participantes revelaram ter sofrido violência psicológica, 5% violência física e 4,5% violência sexual (UMAR, 2016). Tais dados poderão indiciar alguma desejabilidade social (na medida em que foram recolhidos em contexto escolar) ou mesmo a tendência para os adolescentes minimizarem e/ou relativizarem a violência nas suas relações de namoro, percecionando, não raras vezes, certos comportamentos abusivos como sendo um sinal de ciúmes ou um ato de amor e não se reconhecendo como vítimas (Ameral, Reed & Hines, 2017). Por sua vez, um outro estudo (Neves, Correia, Torres, Borges, Silva & Topa, 2018), conduzido com uma amostra de 609 estudantes universitários, comprovou que uma percentagem significativa de estudantes já esteve exposta a situações de violência no namoro, surgindo as raparigas como as principais vítimas (22,4% das raparigas e 10,7% dos rapazes); também neste estudo a violência psicológica registou valores mais expressivos (22,2% no caso das raparigas e 24,3% no caso dos rapazes).

A investigação sobre a violência no namoro tem incidido fundamentalmente na caracterização do fenómeno, recorrendo sobretudo a amostras normativas constituídas por adolescentes e/ou jovens adultos e descurando outras dimensões e perspetivas do problema. Deste modo, carecem estudos que procurem investigar diretamente as perceções que os adolescentes e jovens possuem sobre as relações amorosas ou mesmo sobre a ocorrência de violência neste âmbito. A realização deste tipo de trabalhos poderá acarretar implicações importantes, seja para a própria investigação (e.g.,

ajudando na identificação das medidas mais adequadas para avaliar este tipo de abuso), seja para traçar a estratégia de prevenção e intervenção no fenómeno (e.g., útil na identificação e explicação de alguns fatores contextuais que poderão ajudar a compreender a eficácia dos programas interventivos) (Martsolf, Colbert & Draucker, 2012). Do mesmo modo, a investigação no domínio da violência no namoro tem descurado a perspetiva de outros atores sociais, como é o caso dos agentes educativos (pais, professores e outros profissionais que atuam no sistema de ensino ou mesmo os pares) ou ainda de outros profissionais que lidam/contactam diariamente com adolescentes e jovens adultos, os quais poderão desempenhar um papel determinante no tipo de resposta e estratégia de intervenção a adotar face a este tipo de abuso, funcionando como importantes agentes de mudança (e.g., Fellmeth *et al.*, 2013; Khubchandani *et al.*, 2012; Khubchandani *et al.*, 2017). De referir que a violência nas relações íntimas poderá ter um início precoce, mesmo ainda durante a fase da adolescência (Muñoz-Rivas, Grãna & O’Leary, 2007), com particular expressão em contexto escolar. Por sua vez, a escola constitui uma instituição promotora de valores como a educação e a cidadania, acolhendo uma grande diversidade de jovens que, não raras vezes, se revelam muito permeáveis à legitimação deste tipo de abuso íntimo. Neste sentido, é também responsabilidade da escola desenvolver e implementar ações e/ou medidas que promovam a consciencialização destes jovens para o problema, desmistificando estereótipos e crenças que possam contribuir para a perpetuação da violência no namoro (Guerreiro *et al.*, 2013). Por outro lado, os profissionais de educação constituem a primeira linha para se proceder à identificação e sinalização do fenómeno.

A demonstração de preocupação e consciência em relação à problemática da violência no namoro por parte dos profissionais inseridos no sistema de ensino afigura-se, deste modo, fundamental, sendo certo que é conhecida a dificuldade destes em, por exemplo, distinguirem fenómenos que se despoletam no meio escolar, verificando-se uma tendência para equipararem a violência no namoro ao “*bullying* romântico” (Hertzog, Harpel & Rowley, 2015). Por sua vez, Martsolf e seus colaboradores (2012) analisaram as perspetivas de 88 jovens adultos que experienciaram violência no namoro e de 20 profissionais com experiência ao nível da prevenção e intervenção com jovens em

contexto comunitário. Neste estudo, os participantes consideraram que os programas de intervenção estão geralmente indisponíveis e são inadequados ou impessoais; afirmaram ainda a necessidade de se desenvolverem mais programas de prevenção, bem como de capacitar os profissionais de educação para a implementação de estratégias de intervenção em matéria de violência no namoro. Um outro estudo, conduzido nos Estados Unidos (Khubchandani *et al.*, 2017), e que procurou avaliar as práticas e perspetivas dos administradores escolares face ao tipo de resposta e estratégia preventiva adotada perante incidentes abusivos nas relações de namoro, também apurou resultados algo desconcertantes: a grande maioria das escolas que participou no estudo não possuía uma política de prevenção da violência que contemplasse a questão do abuso no namoro; a maioria dos profissionais que operavam em contexto escolar nunca foi alvo de qualquer tipo de formação neste sentido, além do que revelou não possuir conhecimento adequado sobre o fenómeno a diferentes níveis. Tais evidências permitem atestar a impreparação destes profissionais, seja para identificar potenciais situações de violência íntima, seja para providenciar qualquer tipo de apoio no imediato.

Contudo, há outros estudos que identificaram profissionais de educação com posicionamentos distintos, exibindo uma perceção adequada sobre o fenómeno (e.g., Gonzalez-Guarda, Cummings, Pino, Malhotra, Becerra & Lopes, 2014) ou registando um alinhamento entre os posicionamentos dos adolescentes e dos profissionais face ao fenómeno da violência no namoro (e.g., Goldman, Mulford & Blachman-Demner, 2015). Assim, no primeiro caso, Gonzalez-Guarda *et al.* (2014) encontraram, no seu estudo, profissionais de ensino com uma visão mais ampla e consciencializada sobre a violência no namoro, revelando possuir conhecimento sobre as dinâmicas inerentes a este e identificando, por exemplo, os principais fatores de risco associados ao mesmo. Também Goldman *et al.* (2015), no estudo em que procuraram analisar áreas de convergência e divergência na forma como os adolescentes e os profissionais de educação conceptualizavam o fenómeno da violência no namoro, apuraram resultados positivos e encorajadores, na medida em que os participantes se revelaram conhecedores do fenómeno e orientados para a intervenção neste âmbito. Mais concretamente, os autores verificaram um acordo substancial entre os adolescentes e os

profissionais de educação quanto às características das relações amorosas, em que os participantes conceptualizaram os relacionamentos de namoro como sendo multidimensionais, podendo envolver uma pluralidade de comportamentos, emoções e cognições; consideraram ainda que as relações amorosas atravessam diferentes fases, podendo moldar a perceção dos adolescentes sobre as suas experiências amorosas.

Atendendo a que os agentes educativos possuem um contacto privilegiado com os adolescentes e jovens adultos, urge refletir sobre a possibilidade de formar estes profissionais, dotando-os de competências para a utilização de dinâmicas direcionadas para a prevenção, e sensibilizar as entidades competentes para a implementação destas medidas, visto que é um dos fatores que mais têm condicionado a sua implementação em contexto escolar (Caridade, Saavedra & Machado, 2012).

Efetivamente, decorrente das múltiplas ações públicas que têm sido levadas a cabo no contexto português, nos últimos anos, por várias organizações governamentais (e.g., Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género) e não governamentais (e.g., Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, União de Mulheres Alternativa e Resposta, Associação Plano i, entre outras), os adolescentes parecem hoje estar mais conscientes e sensibilizados para este problema, reprovando o recurso à violência no âmbito das suas relações de namoro (Machado, Caridade & Martins, 2010). Contudo, os estudos conduzidos no contexto português continuam a documentar elevados indicadores de prevalência deste tipo de abuso íntimo (e.g., Neves, Cameira, Machado, Duarte & Machado, 2016; Santos & Caridade, 2017). Fundamenta-se, deste modo, a necessidade de se empregarem mais esforços adicionais que possibilitem efetivamente contribuir para uma redução deste problema epidémico.

Reconhecendo a pertinência deste fenómeno em Portugal e o facto de a grande maioria dos estudos neste âmbito procurar analisar o problema a partir apenas da perspetiva dos adolescentes e jovens, e considerando ainda a preponderância do papel da escola no combate a esta realidade, o presente estudo teve como principal objetivo analisar a forma como os agentes educativos definem e conceptualizam a violência no namoro com vista a melhor informar as políticas de prevenção e intervenção. De forma mais específica, pretendeu-se aceder às perceções dos agentes educativos acerca das

dinâmicas e motivos para a ocorrência de violência no namoro e das questões de género subjacentes à temática, bem como caracterizar o seu grau de conhecimento e familiarização com as respostas e recursos disponíveis em meio escolar para fazer face a esta problemática.

2. Método

2.1. Participantes

Para a seleção dos participantes (recurso a amostragem intencional, por conveniência), foi considerado o seguinte critério de inclusão: serem agentes educativos no ativo, incluindo professores de diferentes áreas e outros elementos operacionais responsáveis pela monitorização e gestão do comportamento dos alunos em meio escolar. A amostra final foi constituída por 11 agentes educativos, dos quais seis eram professores e cinco elementos operacionais, entre os 13 e os 36 anos de serviço ($M=26$). Relativamente ao sexo dos participantes do estudo, a amostra foi constituída por um do sexo masculino e dez do sexo feminino.

2.2. Instrumento

Para a realização deste estudo, e uma vez que se pretendeu abarcar objetivos específicos, foi utilizado um guião de entrevista semiestruturado, construído para o efeito e composto por 27 questões. Este guião foi submetido a um pré-teste, acompanhado de reflexão falada, junto de três profissionais de ensino, de forma a aferir a clareza das questões, o seu encadeamento e se estas não suscitavam qualquer dificuldade de resposta. Com esta entrevista, procurou-se aceder à perceção dos agentes educativos sobre a violência no namoro, tentando compreender se se mostram preparados e com formação adequada para lidar com esta problemática, bem como a identificar e sinalizar. O guião de entrevista encontrava-se estruturado em cinco secções: I) Definição e tipologias de violência no namoro; II) Extensão da violência no namoro em contexto escolar; III) Dinâmicas e motivos para a violência no namoro; IV)

Violência no namoro e questões de género; e V) Respostas e recursos por parte do meio escolar. A primeira secção corresponde ao nível de conhecimento dos agentes educativos em relação à problemática, nomeadamente perceber o que entendem por violência no namoro e as suas tipologias abusivas associadas. A segunda secção procura explorar a frequência com que esta tipologia de crime ocorre em meio escolar. Na terceira secção procura-se indagar os agentes educativos sobre as dinâmicas e motivos que poderão promover a ocorrência de violência no namoro. A quarta secção corresponde à percepção que os agentes educativos têm em relação ao género, tanto em vítimas como em agressores; e, por último, na quinta secção, procura-se perceber, de acordo com o ponto de vista dos entrevistados, o tipo de recursos disponíveis em meio escolar para combater esta problemática, bem como a adequabilidade dos mesmos, e ainda auscultar sugestões de medidas a implementar neste âmbito.

2.3. Procedimentos para recolha de dados

Para a realização do presente estudo, procedeu-se aos pedidos de autorização necessários, atendendo também à aprovação do agrupamento escolar onde os dados foram recolhidos. Uma vez obtidas as autorizações formais necessárias, o estudo foi apresentado e divulgado junto de todos os profissionais de ensino da escola em causa por uma das investigadoras. Após manifestação de interesse por parte daqueles para colaborar no presente estudo, foi agendado um momento oportuno para a realização da entrevista.

As entrevistas foram efetuadas em meio escolar, no primeiro trimestre do ano letivo 2017-2018, numa sala disponibilizada pela escola para este efeito e em ambiente reservado, tendo tido a duração média de quarenta e cinco minutos. Inicialmente, aos participantes foi apresentado o consentimento informado, no qual se encontravam expostos os objetivos e o método do estudo; os participantes foram ainda informados sobre a possibilidade de desistência a qualquer momento sem prejuízo para os próprios e sobre o carácter anónimo e confidencial dos dados. Foi igualmente obtida a autorização junto dos participantes para a gravação das entrevistas. Antes de iniciar a entrevista, foi acordado com o participante um nome fictício a ser utilizado no decorrer

da entrevista, para deste modo preservar o anonimato e confidencialidade das informações prestadas.

2.4. Procedimentos para análise de dados

O conteúdo das entrevistas foi alvo de análise temática, pois esta permite compreender os fenómenos, a sua significação e a forma como são experienciados, socialmente construídos e reproduzidos (Braun & Clarke, 2006). Para tal procedeu-se, primeiramente, à transcrição integral das entrevistas, a que se seguiu o procedimento de codificação indutiva, procurando-se que esta fosse o mais inclusiva possível no sentido de evitar ocultar qualquer extrato potencialmente importante para o tema. Para assegurar a confiança e credibilidade dos resultados, procedeu-se à sua validação. Assim, duas juízas independentes, com experiência em métodos de análise qualitativa de dados, codificaram 15% dos resultados, obtendo 79% de acordo para os temas.

3. Resultados

Da análise do conteúdo das entrevistas, emergiram três grandes categorias (cf. Tabelas 1, 2 e 3), as quais passaremos a descrever.

3.1. Características da violência no namoro

No que respeita à caracterização do fenómeno da violência no namoro e mais concretamente ao conceito em si, a maioria dos participantes definiu-o como interação abusiva entre parceiros amorosos, envolvendo diferentes comportamentos abusivos (n=7) (e.g., “ofensas verbais; agressividade física”). Outros participantes (n=6) consideraram que a violência no namoro remete, especificamente, para a prática de atitudes de controlo, chantagem e posse (cf. Tabela 1).

Relativamente às tipologias abusivas que poderão estar presentes numa relação amorosa, 10 participantes relataram a ocorrência de abuso físico e psicológico/emocional e seis identificaram comportamentos abusivos que se inserem

na ciberviolência (e.g., “tirar o telemóvel; controlar as mensagens”).

Ao nível da extensão e prevalência da violência no namoro, apenas um participante identificou esta problemática como estando muito presente na escola onde leciona. Já quando questionados sobre a manifestação desta conduta abusiva ao nível nacional, a grande maioria dos agentes educativos entrevistados afirmou tratar-se de um fenómeno muito prevalente no contexto português (n=8). Apenas três participantes consideraram não possuir conhecimento sobre a prevalência deste fenómeno em Portugal e dois consideraram que se trata de uma problemática com uma reduzida incidência na instituição de ensino onde se inserem.

Em relação às tipologias abusivas mais frequentes, um número expressivo de participantes (n=9) apontou para a violência psicológica/emocional (e.g., “insultos; controlo”) e apenas um participante referiu a violência física como sendo a mais frequente; já a ocorrência de ciberviolência nas relações de namoro foi apontada por todos os entrevistados (e.g., “ofensas nas redes sociais; invasão da privacidade”).

No que concerne à gravidade e cronicidade dos comportamentos abusivos, dois participantes identificaram a violência física como sendo a mais grave, três a violência psicológica/emocional (e.g., “o ser possessivo é muito grave; a violência psicológica é mais destrutiva”) e dois participantes identificaram a ciberviolência como a tipologia mais grave (e.g., “a partilha e difusão da informação; violação da privacidade”). Apenas quatro participantes consideraram todos os comportamentos graves. Não obstante, todos os participantes foram unânimes em considerar que a violência no namoro se trata de um fenómeno que tende a escalar e a reiterar-se no tempo.

Quanto aos motivos para a violência no namoro, a maioria dos participantes (n=9) apontou o disfuncionamento familiar, outros (n=3) a influência das novas tecnologias (e.g., “jogos violentos; meios de comunicação”), quatro a ineficácia e impreparação do sistema de controlo formal (e.g., “falta de agentes educativos; falta de educação tecnológica”) e dois atribuíram a violência no namoro às características individuais dos/as jovens (e.g., “meninos que gostam de fazer papel de maus; incapacidade de comunicar”). Relativamente à influência dos pares, apenas um participante considerou ser este um dos motivos para a prática de comportamentos abusivos para com o

parceiro.

Quando questionados sobre o conhecimento de eventuais casos de jovens envolvidos em situação de violência no namoro e a sua eventual intervenção neste tipo de situações, o mesmo número de agentes educativos que relatou ter presenciado situações de violência (n=8) admitiu ter tido algum tipo de intervenção nessas situações no sentido de interromper a interação abusiva e sinalizar a situação às entidades competentes (n=8) (e.g., “denunciei a situação; impedi as agressões”).

Indagados sobre as suas atitudes face a este fenómeno, cinco participantes veicularam uma atitude de total reprovação de tais condutas abusivas (e.g., “não posso entender que qualquer tipo de violência seja justificada pelo que quer que seja; desculpar é sempre um mau princípio”). Porém, um número considerável de participantes (n=6) manifestou uma certa legitimação da violência em circunstâncias específicas, nomeadamente em contexto de autodefesa ou quando os jovens já experienciaram algum tipo de abuso (e.g., “quando são em resposta ao outro; jovens que já sofreram violência”). Consideram também que a violência psicológica/emocional não é tão grave como a violência física. Além disso, três dos cinco participantes que demonstraram uma atitude de reprovação da violência íntima alegaram que a aceitação de comportamentos menos graves leva a comportamentos mais graves.

Tabela 1. Características da Violência no Namoro (VN)

Categorias gerais	Categorias específicas	Subcategorias	Frequência
1. Características da Violência no Namoro (VN)	1.1. Definição de VN	1.1.1. Interação abusiva	7
		1.1.2. Atitudes de controlo, chantagem e posse	6
	1.2. Tipologias abusivas na VN	1.2.1. Abuso físico	10
		1.2.2. Abuso psicológico/emocional	10
		1.2.3. Ciberviolência	6
	1.3. Prevalência de VN	1.3.1. Muito frequente na escola	1
		1.3.2. Frequente ao nível nacional	8

	1.3.4. Sem conhecimento	3
	1.3.5. Pouco frequente na escola	2
1.4. Tipologias abusivas	1.4.1. Violência física	1
	1.4.2. Abuso psicológico/emocional	9
	1.4.3. Ciberviolência	11
1.5. Gravidade e cronicidade dos comportamentos abusivos	1.5.1. Violência física	2
	1.5.2. Violência psicológica/emocional	3
	1.5.3. Ciberviolência	2
	1.5.4. Gravidade generalizada	4
	1.5.5. Escalada e reiteração da violência	11
1.6. Motivos para a VN	1.6.1. Disfuncionamento familiar	9
	1.6.2. Influência das novas tecnologias	3
	1.6.3. Ineficácia e impreparação do sistema	4
		2
	1.6.4. Características individuais dos jovens	1
	1.6.5. Influência dos pares	
1.7. Conhecimento/intervenção em situações abusivas	1.7.1. Conhecimento de casos	8
	1.7.2. Sem conhecimento	3
	1.7.3. Conhecimento e intervenção	8
1.8. (I)Legitimação do abuso íntimo	1.8.1. Não legitimação	5
	1.8.2. Legitimação em circunstâncias específicas	6

3.2. Violência no namoro e questões de género

Relativamente à categoria violência no namoro e questões de género, e mais especificamente a eventuais diferenças de género ao nível das motivações para a ocorrência de violência no namoro, sete participantes consideraram não existir quaisquer diferenças de género ao nível dos motivos para a prática de comportamentos violentos, identificando o ciúme, a falta de confiança e respeito, o facto de estarem inseridos numa família disfuncional e o padrão da personalidade como sendo os principais motivos para a prática de comportamentos abusivos na relação amorosa por parte de ambos os géneros. Contudo, quatro consideraram que existem motivos mais

típicos de cada um dos géneros: as raparigas recorrem à violência sobretudo movidas pelo ciúme e sentimentos de posse e os rapazes, fundamentalmente, movidos pela maior precocidade ao nível da atividade sexual, o oportunismo, o domínio e igualmente o ciúme (cf. Tabela 2).

Ao nível do impacto dos comportamentos abusivos, três participantes apontaram para a ausência de diferenças entre géneros (e.g., “o impacto é igual em ambos os géneros”). Porém, oito participantes afirmaram o contrário: seis consideraram que este tipo de abuso afeta mais as raparigas (e.g., “elas perdem a autoestima; é mais violento ser a rapariga a vítima”), dois referiram um maior impacto sobre os rapazes (e.g., “o homem sofre mais com o olhar da sociedade; eles ficam mais envergonhados”) (cf. Tabela 2).

Por fim, oito participantes admitiram que são as raparigas quem recorre com maior frequência a pedidos de ajuda para resolver os seus problemas ao nível das relações amorosas (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Violência no namoro e questões de género

Categorias gerais	Categorias específicas	Subcategorias	Frequência
2. VN e questões de género	2.1. Género e VN	2.1.1. Ausência de diferenças de género	7
		2.1.2. Presença de diferenças de género	4
	2.2. Género e impacto da VN	2.2.1. Ausência de diferenças de género	3
		2.2.2. Presença de diferenças de género	8
	2.3. Género e pedido de ajuda	2.3.1. Presença de diferenças de género (raparigas)	8

3.3. Respostas e recursos do meio escolar

Quanto ao tipo de respostas e recursos existentes no contexto escolar para lidar com a problemática da violência no namoro (apresentados na Tabela 3), um número considerável de participantes (n=7) revelou possuir formação e preparação adequada para lidar com a problemática, fazendo menção à sua participação em diversas

formações direcionadas aos agentes educativos (e.g., “*Bullying*; violência em contexto escolar”), embora não tenham mencionado a participação em ações especificamente voltadas para a questão da violência no namoro. Contudo, quatro participantes mencionaram que não possuem formação, nem se sentem preparados para lidar com esta situação.

Nos recursos existentes em contexto escolar, os participantes apontaram para a boa articulação com outras instituições da comunidade (n=7), capacitadas para dar resposta a este tipo de situações (e.g., GNR – Guarda Nacional Republicana; CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo). Relativamente aos recursos internos da instituição de ensino, os participantes mencionaram a existência de um gabinete de psicologia (n=6), um gabinete de educação para a saúde (n=5) e a aposta e preocupação do meio escolar em proporcionar formação aos agentes educativos (n=5); mas, uma vez mais, não foi mencionada a existência de um gabinete específico que tratasse das questões relativas à violência em geral, e do namoro em particular.

Nas sugestões de medidas a implementar, um número significativo da amostra identificou uma maior necessidade na promoção de ações de sensibilização dirigidas aos jovens (n=8) de forma a trabalhar vários aspetos (e.g., “formação cívica; introduzir a temática da violência no enquadramento curricular”). Dois participantes revelaram ser igualmente pertinente a organização de ações de sensibilização dirigidas aos professores, no sentido de os informar sobre as dinâmicas abusivas, bem como a elaboração de guias de apoio (e.g., “sessões de esclarecimento; existência de um manual dirigido aos professores”). Por último, três participantes identificaram a necessidade de se desenvolverem ações de intervenção junto da comunidade (e.g., “criação de uma linha telefónica de emergência”).

Tabela 3. Respostas e recursos do meio escolar

Categorias gerais	Categorias específicas	Subcategorias	Frequência
3. Respostas e recursos do	3.1. Preparação e formação dos profissionais	3.1.1. Com formação e preparação adequadas	7

meio escolar	3.1.2. Reduzida preparação	4
3.2. Recursos existentes na escola	3.2.1. Articulação com outras entidades	7
	3.2.2. Gabinete de psicologia	6
	3.2.3. Gabinete de educação para a saúde	5
	3.2.4. Formação dos agentes educativos	5
3.3. Sugestões de medidas a implementar	3.3.1. Ações de sensibilização dirigidas aos jovens	8
	3.3.2. Ações de sensibilização dirigidas aos professores	2
	3.3.3. Ações de intervenção junto da comunidade	3

4. Discussão

Ao centrar-se nos agentes educativos, o presente artigo diferencia-se daquela que tem sido a tendência da investigação em matéria de violência no namoro, a qual procura a caracterização do fenómeno fundamentalmente a partir do ponto de vista dos adolescentes e jovens adultos. Este estudo pretendeu dar um contributo importante para a compreensão desta problemática, analisando a perceção que os agentes educativos têm dela. Estes agentes poderão, como oportunamente referido, desempenhar um papel de extrema relevância na deteção e encaminhamento das situações abusivas ou na promoção de algum tipo de suporte e apoio às vítimas. Tal como defendido por Melin e Pereira (2013), a intervenção em matéria de violência no namoro exige que todos os profissionais e agentes educativos adquiram conhecimentos adequados sobre o problema, para que a sua ação seja suficientemente significativa na construção de uma correta e eficaz política educativa, e sobretudo se revele desencorajadora de qualquer forma de violência.

Na generalidade, o presente estudo apurou resultados algo positivos e promissores, na medida em que os agentes educativos entrevistados se mostraram consciencializados

para as principais especificidades e dinâmicas abusivas inerentes ao fenómeno da violência no namoro (e.g., apresentaram uma conceptualização adequada do fenómeno; mostraram-se conscientes das diferentes tipologias de comportamentos abusivos; reconheceram os efeitos e impacto que este tipo de abuso íntimo podem ter em rapazes e raparigas; identificaram as principais motivações que estão na origem deste tipo de abuso; nomearam algumas estratégias de atuação perante situações de violência; e reconheceram algumas das dificuldades inerentes ao pedido de ajuda). Estes dados são congruentes com os apurados por alguns dos estudos desenvolvidos no contexto internacional (e.g., Goldman *et al.*, 2015; Gonzalez-Guarda *et al.*, 2014). Em nosso entender, este adequado grau de conhecimento e perceção que os participantes manifestaram sobre o fenómeno poderá refletir os efeitos decorrentes das múltiplas políticas públicas (e.g., alteração na lei efetuada em 2013, que introduziu objetivamente a violência no namoro no tipo legal de crime relativo à violência doméstica – artigo 152.º, Lei n.º 59/2007 de 4 de setembro) e de ações de sensibilização e consciencialização para a violência no namoro e violência de género, levadas a cabo por parte do Estado português (seja através daquela que é a principal estrutura de promoção da igualdade, cidadania e luta contra a violência – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género [CIG] –, seja também por parte das autarquias locais ou por outras organizações com responsabilidade em matéria de apoio a vítimas de violência e crime – e.g., Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, União de Mulheres Alternativa e Resposta, Associação Plano i, entre outras). Estas diversas ações de prevenção do fenómeno têm sido dirigidas, ora à população em geral, ora aos grupos mais jovens, neste último caso com enfoque sobretudo no meio escolar.

Pese embora este posicionamento mais informado e consciente dos participantes no que se refere a algumas dimensões do fenómeno, foram identificados outros indicadores nos seus relatos que deixam antever a necessidade de serem providenciados esforços complementares no sentido de um reconhecimento mais holístico e efetivo dos riscos inerentes ao uso da violência no namoro. Mais concretamente, alguns participantes (n=6) defenderam alguma legitimação da violência, sobretudo quando esta ocorre em circunstâncias que classificam de específicas (e.g., autodefesa, vitimação prévia). Este posicionamento dos participantes parece apontar para uma certa

excepcionalidade da violência; ou seja, o recurso à mesma é errado, mas em certas circunstâncias é compreensível (Caridade & Machado, 2012), algo que importa desconstruir junto dos agentes educativos, promovendo uma intolerância face ao uso de violência seja em que situação for e independentemente do tipo de violência exercida pelos jovens no âmbito das suas relações interpessoais e amorosas, em particular. A este respeito, cabe ainda mencionar que também foi perceptível nos discursos dos participantes uma certa minimização e relativização da violência psicológica, comparativamente com a violência física. Conhecidas que são as implicações nefastas que este tipo de interação íntima abusiva poderá ter no desenvolvimento normativo dos jovens, a manifestação de qualquer forma de violência deverá ser sempre considerada como um comportamento inaceitável (Pick, Leenen, Iwin, Martha & Andrea, 2010).

Concomitantemente, ainda que os entrevistados no presente estudo tenham referido a participação em ações destinadas à prevenção da violência (em geral, *bullying* ou educação sexual), também admitiram nunca ter participado em ações específicas sobre violência no namoro; alguns dos participantes consideraram mesmo não estarem devidamente preparados para lidar com e gerir eficazmente situações que envolvam violência no namoro. De referir que, no que à realidade portuguesa diz respeito, os temas relativos à igualdade e violência nem sempre são trabalhados e acolhidos adequadamente e, regra geral, são abordados de forma muito genérica e pontual, quase sempre enquadrados em determinadas iniciativas levadas a cabo por algumas instituições escolares, com efeitos mais ou menos perduráveis (Costa, Vieira & Neves, 2018). Outros estudos internacionais (e.g., Khubchandani *et al.*, 2017) também documentam esta dificuldade identificada pelos profissionais em meio escolar. Neste sentido, os participantes deste estudo reconheceram uma efetiva necessidade de os esforços de prevenção e intervenção contemplarem os diferentes profissionais que atuam em meio escolar, mas também o envolvimento da própria comunidade, considerando-se que só deste modo será possível responder adequada e eficazmente ao problema da violência no namoro. A aposta no desenvolvimento de respostas interventivas de natureza multissistémica e ecológica constitui, de resto, uma necessidade amplamente defendida na literatura da especialidade (Caridade, 2018b;

Neves *et al.*, 2018). Por sua vez, a escola tem sido identificada como um contexto privilegiado de ação, não só pela importância que assume ao nível do desenvolvimento dos jovens, mas também porque acolhe diversos agentes de socialização (pais, professores, auxiliares de educação, pares), os quais constituem importantes modelos para os adolescentes e jovens na construção das suas relações de intimidade, sendo impreterível que todos possam ser convocados a participar nos diferentes esforços preventivos, no sentido de se alcançar um controlo efetivo do problema (Caridade, 2018a).

5. Conclusão

A escola constitui um contexto particularmente propício à exploração e estabelecimento de diferentes tipos de interação entre os adolescentes e jovens, incluindo a experiencição de múltiplas adversidades, como são as situações de violência em contexto de namoro. Os profissionais de educação que atuam neste contexto desempenham um papel importante na supervisão e monitorização do comportamento dos jovens em geral, mas também ao nível da deteção e melhor encaminhamento destas situações consideradas potencialmente nefastas para o desenvolvimento destes jovens. Neste sentido, o presente estudo procurou contemplar a perspetiva dos agentes educativos sobre o fenómeno da violência no namoro, no sentido de avaliar o seu grau de conhecimento e sentido de preparação neste âmbito, por forma a melhor informar as políticas de intervenção na violência no namoro, arroladas em contexto escolar. Consideramos, deste modo, que o presente estudo constitui uma base importante para o desenvolvimento de outros trabalhos neste domínio.

Não obstante, a presente investigação reúne algumas limitações que importa considerar para melhor compreender os seus resultados. Uma primeira fragilidade prende-se, desde logo, com as características da amostra estudada, nomeadamente o tamanho reduzido do grupo de participantes, que não permitiu atingir a saturação teórica; outra fragilidade é o facto de esta ser maioritariamente constituída por participantes do sexo feminino; além disso, apenas participaram neste estudo professores e auxiliares de

educação. Seria, pois, útil e desejável que os futuros estudos neste domínio procurassem envolver outros atores sociais (pais e pares), que desempenham um papel igualmente fulcral no processo de resposta à violência no namoro. De notar ainda que se trata de um estudo qualitativo e que, embora tenham sido adotadas algumas estratégias de validação dos resultados (recurso a co-codificadores do material recolhido), importa que estudos futuros desta natureza incorporem outras estratégias que permitam conferir maior rigor e fiabilidade aos dados (e.g., o uso da triangulação de dados e triangulação metodológica para a recolha de dados).

Ainda que os resultados apurados no presente estudo se afigurem, em termos globais, positivos e encorajadores, sobressaiu a necessidade de se continuar a apostar na prevenção da violência no namoro. De forma mais concreta, importa que as diferentes instituições que operam no terreno o façam de forma mais articulada e integrada; que procurem não só envolver os adolescentes e jovens adultos enquanto potenciais visados pelo problema, mas também outros atores sociais (pais, professores, auxiliares de educação, pares) que com estes contactam diariamente, munindo-os de ferramentas que lhes possibilitem um precoce e adequado reconhecimento e encaminhamento das situações abusivas. Importa ainda potenciar e viabilizar o tipo de suporte e apoio social que estes profissionais poderão providenciar aos jovens que se veem envolvidos na teia da violência.

6. Referências bibliográficas

- Ameral, V., Palm Reed, K. M., & Hines, D. A. (2017). An analysis of help-seeking patterns among college students victims of sexual assault, dating violence, and stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-25. doi: 10.1177/0886260517721169.
- Black, B., Hawley, A., Hoeffler, R., & Barnett, T. (2017). Factors related to teenager dating violence prevention programming in schools. *Children & Schools*, 39(2), 99-107. doi:10.1093/cs/cdx007.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp0630a.
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W., & Kim, H. K. (2012). A systematic review of risk factors for intimate partner violence. *Partner Abuse*, 3 (2), 231-280. doi: 10.1891/19466560.3.2.231.

- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas. Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S. (2018a). Violência no namoro: Contextualização teórica e empírica. In S. Neves & A. Correia (orgs.), *Violências no Namoro* (pp. 9-40). Maia: Edições ISMAI.
- Caridade, S. (2018b). Violência nas relações íntimas juvenis (VRIJ): estratégias de identificação e intervenção. In A. Sani & S. Caridade (orgs.), *Violência, agressão e vitimação: práticas para a intervenção*, 2.^a edição revista e ampliada (pp. 59-82). Coimbra: Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2012). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27 (1), 91-113.
- Caridade, S., Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Práticas de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: Orientações gerais. *Análise Psicológica*, 30 (1-2), 131-142.
- Carter-Snell, C. (2015). Youth dating violence: A silent epidemic. In M. Taylor & J. Pooley (eds.), *Overcoming Domestic Violence* (pp. 49-65). New York: Nova Science Publishers.
- Costa, D., Vieira, C. P., & Neves, S. (2018). Participação de jovens na prevenção da violência de género: O caso do projeto Igualdade do agrupamento de escolas Lima de Freitas. In S. Neves & A. Correia (orgs.), *Violências no Namoro* (pp. 175-204). Maia: Edições ISMAI.
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics*, 131, 71-78. doi: 10.1542/peds.2012-1029.
- Faias, J., Caridade, S., & Cardoso, J. (2016). Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: que relação?. *Psychologica*, 59 (1), 7-23. doi.org/10.14195/1647-8606_59-1_1.
- Fellmeth, G. L., Hellernan, C., Nurse, J., et al. (2013). Educational and skills-based interventions for preventing relationship and dating violence in adolescents and young adults. *Cochrane Database Syst Rev*. 6, CD004534.
- Garthe, R. C., Sullivan, R. C., & McDaniel, M. (2016). A meta-analytic review of peer risk factors and adolescent dating violence. *Psychology of Violence*. Advance online publication.
- Goldman, A. W., Mulford, C. F., & Blachman-Demner, D. R. (2015). Advancing our approach to teen dating violence: A youth and professional defined framework of teen dating relationships. *Psychology of Violence*. Advance online publication.
- Gonzalez-Guarda, R. M., Cummings, A. M., Pino, K., Malhotra, K., Becerra, M. M., & Lopez, J. E. (2014). Perceptions of adolescents, parents, and school personnel from a predominantly Cuban American community regarding dating and teen dating violence prevention. *Research in Nursing & Health*, 37, 117-127. doi: 10.1002/nur.21588.
- Hertzog, J. L., Harpel, T., & Rowley, R. (2015). Is it bullying, teen dating violence, or both? Student, school

- staff, and parent perceptions. *Children e Schools*, 38 (1), 21-29. doi: 10.1093/cs/cdv037.
- Jenning, W., Okeem, C., Piquero, A., Sellers, C., Theobald, D., & Farrington, D. (2017). Dating and intimate partner violence among young persons ages 15–30: Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 33, 107-125. doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.007.
- Khubchandani, J., Clark, J., Wiblishause, M., et al. (2017). Preventing and responding to teen dating violence: A national study of school principals' perspectives and practices. *Violence and Gender*, 4 (4), 144-151. doi: 10.1089/vio.2017.0043.
- Khubchandani, J., Price, J. H., Thompson, A., et al. (2012). Adolescent dating violence: A national assessment of school counselors' perceptions and practices. *Pediatrics*, 130, 202-210. doi: 10.1542/peds.2011-3130.
- Koker, P., Mathewes, C., Zuch, M., Bastien, S., & Mason-Jones, A. (2014). A systematic review of interventions for preventing adolescent intimate partner violence. *Journal of Adolescent Health*, 54, 3-13. doi: 10.1016/j.jadohealth.2013.08.008.
- Lucas, S. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes*. Dissertação do II curso de mestrado na especialidade de sexologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52. doi:10.1007/s10896-009-9268-x.
- Martsof, D. S., Colbert, C., & Draucker, C. B. (2012). Adolescent dating violence prevention and intervention in a community setting: Perspectives of young adults and professionals. *The Qualitative Report*, 17 (99), 1-23.
- Melin, M., & Pereira, B. (2013). *Violência, bullying e indisciplina na escola. Atas do IX seminário internacional de educação física, lazer e saúde*. CIEC, Instituto de educação, Universidade do Minho. Braga.
- Moore, A., Sargent, K., Ferranti, D., & Gonzalez-Guarda, R. (2015). Adolescent dating violence: Supports and barriers in accessing services. *Journal of Community Health Nursing*, 32, 39-52.
- Munñoz-Rivas, M., Granña, J. L., O'Leary, K. D., & Gonzalez, M. P. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: Prevalence, justification, and health consequences. *Journal of Adolescent Health*, 40, 298-304. doi: 10.1016/j.jadohealth.2006.11.137.
- Murta, C. G., Santos, B. R., Martins, C. P. S., & Oliveira, B. (2013). Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6 (2), 117-131. doi: 10.4013/ctc.2013.62.05.
- Neves, S., Cameira, M., Machado, M., Duarte, V., & Machado, F. (2016). Beliefs on marital violence and

- self-reported dating violence: A comparative study of Cape Verdean and Portuguese adolescents. *Journal of Child and Adolescent Trauma*, 1-8. Doi: 10.1007/s40653-016-0099-7.
- Neves, S., Correia, A., Torres, J., Borges, J., Silva, E., & Topa, J. (2018). UNi+- Programa de prevenção da violência no namoro em contexto universitário: Enquadramento concetual e resultados do diagnóstico de necessidades. In S. Neves & A. Correia (orgs.). *Violências no Namoro* (pp. 205-234). Maia: Edições ISMAI.
- O'Keefe, M. (2005). Teen dating violence: A review of risk factors and prevention efforts. *Applied Research Forum. National Electronic Network on Violence Against Women*, 1-14.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Pick, S., Leenen, I., Givaudan, M., & Prado, A. (2010). Yo quiero, yo puedo... Prevenir la violencia: Programa breve de sensibilización sobre violencia en el noviazgo. *Salud Mental*, 33 (2), 153-160.
- Santos, R., & Caridade, S. (2017). Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas ao (des)ajustamento psicossocial. *Revista Psique*, 13, 18-39.
- Shen, A. (2011). Cultural barriers to help-seeking among Taiwanese female victims of dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 26 (7), 133-136. doi: 10.1177/0886260510369130.
- Straus, M. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811. doi: 10.1177/1077801204265552.
- UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) (2016). *Relatório de imprensa: Dados violência no namoro 2016*. Lisboa. Consultado em 5 de fevereiro de 2018 em http://www.umarfeminismos.org/images/stories/oma/2016/Relat%C3%B3rio_Final_OMA_2016.pdf.